

Um autorretrato de Primo Levi. As raízes literárias da narrativa de Auschwitz

João Carlos Soares Zuin*

Nem toda noite termina com a aurora.

Stanislaw Jerzy Lec

No ano de 1980, Giulio Bollati era coordenador da seção de autores ensaístas e clássicos da editora Einaudi e propôs para Primo Levi, Ítalo Calvino, Leonardo Sciascia e Paolo Volponi a composição de uma antologia pessoal contendo os autores prediletos, as obras e as passagens mais significativas que contribuíram na formação intelectual e no desenvolvimento das suas obras literárias. Dirigida para os alunos em idade escolar como manual didático, a antologia deveria possuir uma introdução analítica que explicasse a importância dos autores selecionados. O convite foi aceito pelos quatro, mas realizado apenas por Primo Levi, que entregou a Bollatti no outono de 1980 a obra intitulada *La ricerca delle radici (A procura das raízes)*, publicada em 1981. É possível dizer que além de uma antologia, trata-se de um significativo autorretrato intelectual, no qual se encontram importantes explicações acerca das influências intelectuais contidas na composição da narrativa histórica e moral dos campos de concentração e extermínio nazista.

O objetivo deste artigo é estabelecer conexões existentes entre as raízes literárias e a compreensão de Primo Levi (1989, p. 337; 1990, p. 4) do “*univers concentrationnaire*” – termo cunhado pelo escritor e sobrevivente francês David Rousset e usado por Levi em entrevistas e livros –, por meio de dois problemas interconectados: 1) analisar as diversas raízes e influências que contribuíram para a obstinada reflexão de Levi sobre as causas da violência no ser humano, nos processos culturais e, sobretudo, na construção da política de força e de dominação; 2) enfatizar a necessidade e importância da leitura das obras de Primo Levi para que as novas gerações possam apreender o significado histórico da política que criou os campos de concentração e extermínio.

* Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara.

Não é simples, nem fácil, a leitura das obras de Primo Levi. Contudo, é necessário fazê-lo, não apenas porque sua narrativa é composta pelo testemunho direto dos espaços de concentração e extermínio, mas porque buscou por mais de quarenta anos *refletir pelo pensamento* o significado cultural e político de Auschwitz. Uma reflexão que foi se tornando mais profunda ao longo do tempo, construída e reconstruída através da soma obtida pelas descobertas provenientes dos diversos caminhos do conhecimento humano (literatura, poesia, ciências da natureza, ciências humanas) acerca do sentido da violência catastrófica e trágica construída pelo ser humano nos processos culturais e nas estruturas políticas.

Para Primo Levi, o *Lager*, campo de concentração e extermínio, simboliza o limite no qual foram degradadas a vida humana e a morte, onde a política de força estilhaçou o processo civilizatório que ergueu o Estado de direito e o sentido da ética da dignidade e da humanidade. Parte final de um longo processo cultural e político de desumanização, o campo era o espaço no qual “o tecido das relações humanas estava completamente destruído” (LEVI, 1998, p. 64), bem como possibilitava o pleno desenvolvimento das experiências biopolíticas do nazismo, cujo resultado mais extremo foi representado pela figura do muçulmano, do ser humano no qual a humanidade fora destruída, e que sobrevivia desprovido da consciência moral e do sentido social dos afetos e valores sociais, executando diariamente o trabalho escravo até o encontrar com a morte.

Desumanização é a categoria central para compreendermos o universo totalitário. O campo de concentração e extermínio representou a continuidade de um longo processo de desumanização do outro que, desenvolvido na era moderna no curso da conquista do novo mundo e na transformação política dos indígenas e africanos em subumanos e escravos, alcançou o interior da Europa no século XX. A desumanização do outro ou do inimigo, sempre existiu na história da humanidade, nos clãs, nas tribos, nos génos, nas pólis gregas e nas urbes romanas, na Idade Média, no colonialismo e no imperialismo. Contudo, a singularidade do processo de desumanização do outro realizado pelos nazistas reside no uso da ciência e da técnica, da organização estatal burocrática e, sobretudo, da racionalidade instrumental. A combinação de tais fatores possibilitou que no interior do campo ocorresse uma profunda transformação na antropologia do ser humano: o complemento do processo de desumanização, iniciado com a política de

violência nas grandes cidades com as leis raciais e a construção dos guetos, alcançava o seu maior desenvolvimento na transformação dos *Häftlingen* (prisioneiros) em seres não mais humanos, bestializados e inferiorizados pela língua do *Herrenvolk* (povo dos senhores) e pelos jargões do campo: “animais”, “escravos”, “muçulmano”, “animal-homem”; “subespécie”, “ervas secas”, “impuros”, “cães” (LEVI, 1997, p. 39, 88 e 91; LEVI, 1989, p. 345), “inúteis”, “merda”, “insetos”, “vermes”, “ratos”, “bacilos”, “bestas”, “peças” (BURGIO, 2010, p. 133), “cretinos”, “camelos”, “porcos” (AGAMBEN, 1998, p. 39 e 53). O muçulmano, aquele que desceu até o fundo da lógica biopolítica do campo de concentração e extermínio, e que pôde ver a face que também é gorgônea do ser humano – a face da ferocidade, da brutalidade e da violência ilimitada que destrói e mata –, seria para Levi a testemunha integral do campo de concentração e extermínio. Um ser que deixou de viver antes da morte efetiva do corpo, agindo sem a consciência moral, desprovido da fala e da comunicabilidade linguística, o muçulmano era o resultado comum e final que o totalitarismo reservava ao *Untermensch* (sub-homem). Testemunha pela ausência daqueles que foram afogados e mortificados pela face e ação gorgônea dos habitantes do “*univers concentrationnaire*” (LEVI, 1990, p. 4), viveu profunda e dolorosamente a aporia de ser uma testemunha parcial do campo de concentração e extermínio:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas, muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são as regras, nós, a exceção (LEVI, 1990, p. 47).

Como toda aporia, não há uma possível solução ao problema, embora, seja por meio da narrativa de Levi e dos outros sobreviventes que podemos compreender o que se passou na experiência biopolítica do universo totalitário. Na boa formulação de Giorgio Agamben (1998, p. 63), “Levi, que testemunha pelos afogados, que fala em vez deles, é o cartógrafo desta nova *terra* (...) o implacável agrimensur do *Muselmannland*”. Um cartógrafo

que refletiu um espaço político novo, no qual vigorou plenamente o estado de exceção, onde a norma era a violência e a política gerava a potência que destruía os direitos fundamentais do ser humano e da pessoa, mapeando um espaço desumano concebido pelo humano, dentro do qual “a destruição de um povo e de uma civilização se revelou possível e desejável” (LEVI, 1990, p. 125). Um agrimensor que, mesmo levado à força ao campo da produção da morte em escala industrial e submetido ao processo de desumanização, foi capaz de medir, refletir, avaliar, para poder compreender e tentar transformar em conhecimento e categorias a tragédia humana realizada no interior da Europa no século XX.

1. O sentido e significado das raízes de Primo Levi: a eterna luta do ser humano contra a violência em suas múltiplas formas

Na primeira página da antologia, Primo Levi desenhou uma elipse e escreveu na extremidade superior o nome de “Jó” e, na extremidade oposta, a expressão “Buracos Negros”, ambos grafados em letras maiúsculas. Do nome de Jó foram desenhados quatro longos vetores ligeiramente curvados, contendo nomes dos autores selecionados na antologia, que se aproximam até tocarem a expressão “Buracos Negros”. Cada vetor recebeu uma identificação e podemos ler da direita para a esquerda os seguintes títulos: “a salvação pelo conhecimento”, “a estatura do homem”, “o homem sofre injustamente” e “a salvação pelo riso”.

O desenho representa a vontade do autor em combinar e experimentar os elementos e as substâncias, os fenômenos e os fatos, as ações e as relações humanas, procurando construir um sentido para a realidade física e humana. A vontade de conhecimento por meio da observação atenta e da experiência sempre renovada, que possui raízes profundas na cultura do renascimento e humanismo italiano, está voltada para o problema da compreensão da violência que existe dentro e fora do ser humano, nas ações humanas, nas forças da natureza e nas lutas sociais. Violência que está emblematicamente contida na passagem bíblica que retrata do drama de Jó, bem como na dupla significação da expressão “buracos negros”, que, conforme veremos, significa tanto o fenômeno físico que atrai a matéria para dentro de si, como foi uma das metáforas usadas por Levi para descrever o “universo concentracionário”. Os vetores indicam ao leitor o desafio que deve ser sempre renovado pelas

novas gerações: o esforço do ser humano em compreender os motivos da violência para poder contê-los e negá-los. Logo, os autores contidos nos vetores estão envolvidos por um comum valor: a vontade do ser humano de agir e reagir perante as múltiplas tensões que observa, a capacidade da ação que nasce da *avaliação* das contradições, paradoxos e antinomias existentes na realidade física e na existência humana para criar um novo caminho para a sociabilidade humana. É possível dizer que os autores foram selecionados porque souberam se posicionar perante as tensões existentes na natureza e na cultura, na vida pessoal e na vida social. Em cada uma das passagens selecionadas, dos autores, podemos observar a presença do ser humano como um artífice de si mesmo, que age porque pensa e pensa porque age:

Todas ou quase todas as passagens que escolhi contêm ou subentendem uma tensão. Em todas ou em quase todas existem as oposições fundamentais inscritas “no ofício” do destino de todo homem consciente: erro/verdade, riso/choro, serenidade/loucura, esperança/desespero, vitória/derrota (LEVI, 1981, p. XXIII).

Uma construção própria do ser que não se contenta com aquilo que é, que se opõe àquilo que o oprime e que deseja que a vida possa ser racionalmente alargada pela experiência em possibilidades sempre novas de existência. Logo, no núcleo do “destino de todo homem consciente” encontra-se a potência do ser capaz de encontrar em si a força capaz de superar a potência das tensões, perigos e medos, podendo assim se salvar, conforme o célebre verso de Hölderlin: “mas onde há o perigo, cresce / também o que salva” (HÖLDERLIN, 1959, p. 363). Há uma força espiritual em nosso autor, presente ao longo de sua vida, que podemos chamá-la como a força do “homem copernicano”, daquele homem novo que manifestou a *vontade* de conhecer e pensar por si mesmo (renovando a necessidade do *Nosce te ipsum*), de construir um conhecimento baseado nos sentidos humanos e no próprio princípio argumentativo (construindo argumentos *Juxta sua propria principia*), e que assim se viu dentro de um “astro entre inúmeros astros, num universo infinito, dirigido por leis e relações a ele imanentes”, e compreendendo que “não tem um destino marcado, mas cria-o por si, e cria ao mesmo tempo na natureza o seu mundo e a si próprio” (BANFI, 1986, p. 55). É o espírito do homem renascentista e humanista italiano, cuja escolha pelo ousar saber (*Sapere Aude*) através dos sentidos permitiu ao indivíduo moderno dar seus primeiros passos rumo ao conhecimento teórico voltado

para uma ação prática ativa, ousada, viva, herética, criada dentro de si mesmo e dirigida para o mundo do próprio ser humano. Uma nova postura perante o universo aberto pela vontade eletiva e pelo conhecimento construído racionalmente, e que o elevava em direção à conquista da autonomia e da dignidade.

Primo Levi, cuja formação intelectual é a de químico, experimentou e ordenou ao seu gosto teórico o sentido das palavras, das ideias e das descobertas dos autores que, ao longo do tempo, ousaram sentir, observar e interpretar os efeitos e as substâncias das forças da natureza contidas no universo, descobrindo suas leis imanentes e, dessa maneira, contribuíram para melhor compreender a vida humana, humanizando e sublimando as ações e as escolhas no mundo da cultura, em uma palavra, civilizando-o. Contudo, pelo mesmo ofício de químico *sabe* que a matéria também é antagonista do espírito, conforme definição clássica, e que nela além das forças que permitem a vida também está contida a presença da violência, da hostilidade e da brutalidade causadoras de dores e dilacerações profundas no ser humano. Penso que a força que o levou a marcar o nome de Jó como a raiz mais profunda da sua antologia pessoal foi uma escolha proveniente do conhecimento intelectual acerca da tenacidade pela qual a violência contida na matéria pode sempre deformar o ser humano e desumanizá-lo em qualquer momento de sua vida pessoal e social.

2. O sentido da elipse. A história de Jó ou a violência primogênita

Na introdução da antologia, Primo Levi afirmou que a realização da antologia foi desenvolvida pelo seu “input híbrido” (LEVI, 1991, p. XIX), proveniente da formação intelectual de químico e da posterior narrativa literária iniciada dentro de Auschwitz e desenvolvida no imediato pós-guerra. No centro do “input híbrido” está o gosto pessoal pela observação atenta dos efeitos da matéria, de modo que, a curiosidade e a vontade de aproximar diversos elementos dirigiram a escolha e o posicionamento dos autores na antologia:

Os autores não estão dispostos segundo a ordem cronológica tradicional da antologia, e nem estão agrupados por afinidades de argumentação. Segui aproximativamente a sucessão na qual me foi dado conhecê-los e lê-los, mas mesmo assim cedi a tentação

do contraste, como para tentar encenar diálogos trans-seculares: como para ver de que modo dois vizinhos podem dialogar entre si, que coisa pode ocorrer na interface (por exemplo) entre Homero e Darwin, entre Lucrécio e Babel, entre Conrad o marinheiro e Gattermann o prudente químico. Para Jó reservei por instinto a primogenitura, procurando posteriormente encontrar boas razões para esta escolha (LEVI, 1981, p. XXIV).

A antologia possui como primeiro capítulo o emblemático título *O justo oprimido pela injustiça*. Levi escolheu quatro passagens do *Livro de Jó*, que podemos resumir como sendo: 1) o primeiro discurso de Jó após tudo perder e ter o corpo coberto por chagas e dores. Jó, que amaldiçoa o dia em que nasceu, inicia o longo percurso das dolorosas lamentações e questionamentos para o motivo de haver nascido; 2) a primeira resposta de Jó para Elifaz. A formação da consciência que o separa das respostas advindas da tradição e a afirmação da necessidade de questionamento próprio acerca do sentido da vida do homem. A construção de novas respostas para o sofrimento total e o esforço em dar sustentação à fala do ser humano absolutamente impotente e sem esperança, que vive em sua plenitude a percepção da vida sem sentido; 3) a primeira resposta de Jó para Sofar. Questionando dramaticamente a brevidade da vida do homem e a presença absoluta da morte e do nada, Jó é tomado pela amargura e tece argumentos duros provenientes da dor causada pela morte dos seus e pelo sofrimento; 4) as três respostas de Deus para Jó. Creio que há um fio condutor que une as partes selecionadas por Levi, e que as transforma em um único problema: a presença da violência e da injustiça na potência dos atos de Deus (como se sabe, Deus efetua uma cruel aposta com Satanás acerca do comportamento que teria Jó se tudo lhe fosse retirado, permitindo então que o diabo retirasse dele o que lhe era mais importante: a mulher e os filhos, as posses e os bens, a honra e o respeito, lançando-o na vida destroçada e coberta por dores atrozes, sofrimentos profundos, sonhos perturbadores), e na fala e nas ações ordinárias dos seres humanos (na violência acusatória dos discursos dos amigos, na maldade dos olhares, falas e ações dos homens, mulheres e crianças, para com Jó miserável, sujo, fétido e doente).

Em *O justo oprimido pela injustiça* Levi buscou expor a presença da violência existente na matéria natural e na matéria que forma o homem, geradora de privações e dores, destruições e sofrimentos. Procurou convidar

o leitor para compreender a realidade em que vive o ser humano em toda a sua crueza e sem concessões, de modo que ele deveria refletir sobre as tensões existentes na vida, em busca de um melhor caminho para a compreensão de si mesmo e dos princípios que ordenam o mundo. É o que procurou afirmar na apresentação do capítulo:

Por que começar por Jó? Porque esta história esplêndida e atroz contém em si a questão de todos os tempos, aquela a qual o homem não tem encontrado ainda resposta até este momento e nem a encontrará nunca, mas a buscará sempre porque dela tem necessidade para viver, para conhecer a si mesmo e o mundo. Jó é o justo oprimido pela injustiça. É a vítima de uma cruel aposta entre Satanás e Deus: o que fará Jó pio, saudável, rico e feliz, se for tocado nas posses, e depois nos afetos familiares, e depois na sua própria pele? Assim, Jó o justo, degradado ao animal de experimento, se comporta como faria qualquer um de nós: de início, abaixa a cabeça e louva Deus (“Aceitaremos de Deus o bem e não o mal?”), depois as suas defesas caem. Pobre, sem filhos, coberto de chagas, sentado no lugar onde se deposita o lixo, raspa com um pedaço de telha as chagas e debate com Deus. É uma polêmica desigual: Deus criador de maravilhas e de monstros o comprime com a sua onipotência (LEVI, 1981, p. 5).

No drama de Jó há uma história radical, e que se encontra presente em todas as épocas e formações sociais, tendo como personagens nomes escritos em diversos idiomas, todos, contudo, sofrendo a penetrante e persistente presença da violência e da brutalidade, da injustiça e da crueldade. Para Levi, é uma história que se repete e que uma vez ocorrida, sempre poderá ser refeita. No décimo-segundo texto escolhido na antologia, *A história de Jacó*, primeira parte do livro de Thomas Mann, *José e seus irmãos*, nosso autor afirmou que “toda coisa que ocorre é uma réplica, uma confirmação, ocorrida infinitas vezes” (LEVI, 1981, p. 99). É importante esclarecer que não se trata de um pensamento fatalista, nem de uma reflexão mítica ou religiosa, mas da afirmação da *possibilidade* de acontecer novamente aquilo que foi feito no passado, pois o que uma vez foi realizado pelo ser humano pode vir a sê-lo em outros tempos.

A complexidade da história de Jó simboliza a eterna procura pelo sentido das raízes do mal e da violência que, todavia, é destinada à fragilidade intrínseca das respostas sempre parciais. Contudo, é através das respostas não

acabadas que o ser humano pode sobreviver ao peso destruidor da violência que causa o silêncio e o vazio, o medo e a loucura. É por isso que Levi é amplamente partidário de Jó, porque compartilha suas angústias e dores, criticando duramente a força que cometeu injustiça e que o transformou em “animal de experimento”. As passagens selecionadas buscam enaltecer a postura que Jó manteve ao sentir, pensar, conhecer e julgar por si mesmo a tragédia que vivenciava, chegando ao limite da vontade humana em *querer* debater com o próprio Deus.

No ensaio de Livio Sichirollo sobre a fé e o saber em Kant e Hegel, podemos perceber várias similitudes entre a leitura do Livro de Jó efetuada por Kant e as reflexões de Primo Levi. Para Sichirollo (1990, p. 198), em Kant “Jó é o justo”, pois é ele que “fala como pensa e como sentiria no seu lugar todo homem; os seus amigos, ao invés, falam como se eles em segredo tivessem auscultado o Onipotente”. Logo, na leitura de Kant do drama de Jó, a força mais verdadeira se encontra em Jó, pois teve a “coragem de se manter e estar sobre os próprios pés” (*apud* SICHIROLLO, 1990, p. 201). Todavia, é importante afirmarmos que a presença da violência e da brutalidade nunca foi tratada por Levi como sendo uma questão teológica, mas, ao contrário, ela foi compreendida através da sua convicção racionalista de que a violência é um elemento da matéria:

A matéria é mãe inclusive etimologicamente, mas ao mesmo tempo é inimiga. O mesmo pode ser dito da natureza. Por outro lado, o mesmo homem é matéria e está em conflito consigo mesmo, como todas as religiões reconheceram. A matéria também é uma escola, a verdadeira escola. Combatendo contra ela amadurecemos e crescemos (LEVI, 1998, p. 91-92).

A compreensão da ambiguidade intrínseca da matéria permite ao ser humano efetuar a própria descoberta como ser criativo, podendo, ao observar atentamente a matéria que age dentro e fora dele, conter ou minimizar a lógica dos seus efeitos violentos e destrutivos. Foi o que Primo Levi fez no seu ofício de químico (observando e agindo como especialista no controle das reações químicas no laboratório da empresa em que trabalhou), e, sobretudo, como sobrevivente e testemunho do horror dos campos de concentração e extermínio, *escolhendo* viver no interior do labirinto de Auschwitz, onde permaneceu após o retorno à normalidade, sempre refletindo e escrevendo

acerca da violência contida nas ações humanas, nas ideias, nas relações sociais e nas várias estruturas de poder existentes dentro de Auschwitz.

Estudar incessantemente o que esteve a sua frente no ano de confinamento em Auschwitz foi o caminho escolhido para enfrentar a miséria humana em seu extremo, para poder colher nela aquilo tudo o que o ser humano também é e do que necessita compreender para construir uma vida que seja racional e digna. Em *A tabela periódica* – livro escrito sobre os elementos da natureza que foram compreendidos pelo homem e que o elevaram à condição humana –, discorrendo acerca dos motivos que o levaram a escolher o estudo da química, afirmou:

A nobreza do Homem, adquirida em cem séculos de tentativas e erros, consistia em tornar-se senhor da matéria, e que eu me matriculara em Química porque queria manter-me fiel a esta nobreza. Que vencer a matéria é compreendê-la e compreender a matéria é necessário para compreender o universo e a nós mesmos (LEVI, 1994, p. 47).

Na vida do jovem estudante existia uma efetiva profissão de fé no conhecimento e na capacidade do homem em se orientar através do próprio pensamento e, a partir dele, no interior do mundo físico e social. No centro desta concepção de mundo, erguida pela vontade de conhecimento e pelo ponto de vista racional, há uma enérgica negação e combate da violência e da irracionalidade em suas múltiplas formas.

3. Os múltiplos caminhos da ação humana dentro da natureza e da cultura

Em *La ricerca delle radici*, a luta do ser humano contra a violência originária contida na matéria natural está sempre presente no enfrentamento da natureza em busca do domínio de suas leis físicas e químicas imanentes, na luta contra a ignorância e a prepotência dogmática e no combate das forças da irracionalidade existentes na cultura e na política. Primo Levi buscou sempre enaltecer a *vontade* e o *esforço* do ser humano em experimentar os elementos da matéria na intenção de vir a tentar dominá-los, em alargar a sua presença dentro dos limites constritores em que se situava, em romper com os limites da cultura existente. Nos quatro vetores voltados aos “Buracos

Negros”, podemos encontrar várias formas da mesma exaltação da ação consciente e sensata do homem, formuladas nos conturbados processos de civilização, sempre repletos de tensões e contradições, dores e sofrimentos, que impuseram a complexa dialética das escolhas subjetivas e objetivas na luta com a potência dos imperativos religiosos e políticos.

No vetor *A salvação pelo conhecimento* estão escritos os nomes de Lucrécio, Darwin, Bragg e Clarke. Levi (1981, p. 141) destaca em Lucrécio a “interpretação puramente racional da natureza, a crença nos próprios sentidos, a vontade de libertar o homem do sofrimento e do medo, e rebelião contra toda superstição”. O materialismo de Lucrécio é a fonte de uma inesgotável vontade de saber, de um saber terreno que deseja existir sem limites e dirigido para o próprio homem. Em Darwin, o demolidor de dogmas, enfatiza a dificuldade que sofreu no reconhecimento das suas descobertas e enaltece o pensamento científico como aquele que “negando ao homem um posto privilegiado na criação, reafirma com a sua própria coragem intelectual a dignidade do homem” (LEVI, 1981, p. 25). Uma afirmação que possui muitas semelhanças com aquela feita por Sigmund Freud (1954, p. 19), que ressalta a importância da ferida promovida por Darwin ao narcisismo humano com a revelação de que “o homem não é mais, nem melhor, do que o animal; surgiu da evolução deste e se encontra mais proximamente aparentado com algumas espécies, mais afastado de outras”. Em Bragg, prêmio Nobel de física, destaca a ampliação da visão do homem, que agora pode ver a matéria através dos raios X. A descoberta de Bragg permitiu o surgimento dos novos problemas, das novas perguntas dirigidas à matéria, seja no interior do microcosmo, seja na vastidão do macrocosmo:

Leio entre as linhas uma grande esperança: os modelos em escala humana, os conceitos de forma e de medida, nos levam muito longe, em direção ao mundo minúsculo dos átomos e verso o mundo desmesurado dos astros; talvez infinitamente longe? Se sim, vivemos num cosmos imaginável, além da nossa fantasia, e a angústia da escuridão cede lugar à vivacidade da pesquisa (LEVI, 1981, p. 31).

Primo Levi destaca na obra de Clarke a vivacidade do pensamento do cientista que escreve livros de ficção científica. A junção entre saber e fantasia gera uma nova potência cognitiva e amplia a ação humana em direção a algo novo, mas que ainda não pode objetivamente existir: “a sua vida e obra

demonstram (...) que um cientista moderno *deve* ter fantasia, e que a fantasia é enriquecida prodigiosamente se o seu autor dispõe de uma formação científica” (LEVI, 1981, p. 199, grifo do autor).

Os autores citados representam a ousadia do homem em efetuar perguntas novas para o mundo sensível e, mediante o novo conhecimento que nascia dos sentidos do próprio homem, acabaram por orientar em pensamento o homem para o caminho em direção de uma nova posição mais verdadeira para si mesmo e para a realidade. É uma forma de salvação porque retira o ser humano da ignorância dos discursos enrijecidos e falsos e gera no conhecimento da realidade o ato que enobrece sua existência. Conhecimento que gera a vivacidade do espírito para continuar enfrentando a matéria, um combate que será sempre aberto, infinito, renovado a cada nova descoberta da realidade.

No vetor *A salvação pelo riso* Levi elencou os nomes de Rabelais, Porta, Belli, Schalòm Alechém. Levi destaca em Rabelais a mistura entre o estilo “bufão épico-popular” e a “energia moral de um grande intelectual do Renascimento”, presente numa obra que soube

Amar os homens como eles são, corpo e alma, *tripés et boyaux*. Em toda esta enorme obra seria difícil encontrar uma só página triste, mas o sábio Rabelais conhece bem a miséria humana; a refuta porque, como bom médico mesmo quando escreve, não a aceita, a quer curar: *Mieux est de ris que de larmes écrire / Pour ce que rire est ce propre de l'homme* (LEVI, 1981, p. 87, grifos do autor).

Na obra de Porta, Levi (1981, p. 49) aponta a importância do uso da linguagem dialetal de forma jocosa (o que permite inovar a linguagem e a possibilidade de compreensão da realidade e do homem), bem como o fato de que “os seus personagens (...) são pequenos Jós, um bom estofado humano que, como outras vontades, são logradas, laceradas, e enfim reduzidas a pedaços”. Em Belli, Levi enfatiza a piedade que pode estar oculta por detrás do riso e a descrição de um mundo comum aos homens comuns, isto é, a sua linguagem é próxima da linguagem da rua e descreve os atos ordinários, complexos e traumáticos provenientes da religião e do sexo, da vida e da morte. Schalòm Alechém, expressão judaica “que a paz esteja convosco” é o pseudônimo de Schalòm Rabinovic. Levi enfatiza na sua escrita a percepção do mundo dividido, repleto de contradições e as lacerações, bem como o peso a mais sofrido pelos judeus no curso da história.

Em todos os autores citados o riso é uma forma de exprimir as misérias e os sofrimentos causados pelo próprio homem. O riso salva o homem da destruição total contida no poder do mais forte, que por ser o mais forte rompe o fluxo do processo do diálogo, do conhecimento e da humanização necessários para que o homem possa conter a violência originária na natureza e na sua própria naturalidade. No riso também há a presença da possibilidade de exercício do juízo moral, mesmo que contido na esfera diminuta do próprio homem que ri e daquele que o escuta.

No vetor interno intitulado *A estatura do homem*, foram citados os nomes de Marco Pólo, Rosny, Conrad, Vercel, Saint-Exupéry. Marco Pólo expressa o amor do ser humano pela aventura e pela curiosidade. Levi acentua o valor do viajante que conhece outras frações da humanidade em territórios longínquos, onde está o ser humano diverso e com diferentes formas de agir perante as tensões da vida. Enaltece, portanto, em Marco Pólo tanto a capacidade de dialogar com Kubai Kahn, o poderosíssimo senhor dos mongóis, assim como a sensibilidade em descrever os seres, as coisas e os lugares estranhos. Rosny, o autor da “Guerra do fogo”, expressa o animal humano que se eleva da animalidade através da conquista do fogo, agora não mais oriundo do acaso da natureza, mas da aventura que leva ao conhecimento de como produzi-lo e de tê-lo consigo para sanar suas necessidades. Conrad é enaltificado como um “bom exemplo de como o homem pode construir a si mesmo” (LEVI, 1981, p. 71) através da ousadia e da aventura, do ato de julgar, pensar e escolher por si mesmo. Perante aquilo que existe, o homem pode negá-lo e escolher por aquilo que ainda não é, mas que deseja sê-lo. Conrad é para Levi o homem de que se eleva por si mesmo, através do seu próprio esforço em sempre medir sua vida com aquilo que está ao seu redor. Vercel é escolhido pela capacidade em expor as relações positivas existentes entre o homem e a técnica, bem como pelo senso de aventura do homem em criar a si mesmo. Para Levi (1981, p. 111), Vercel relembra “que a relação homem-máquina não é necessariamente alienante, e assim pode enriquecer ou integrar a velha relação homem-natureza”. Saint-Exupéry é o homem que “combateu, agiu, sofreu; amou a natureza e os homens, viveu a aventura do vôo com ânimo juvenil, como um modo novo de ler o universo” (LEVI, 1981, p. 127). É o homem que se eleva através das suas escolhas subjetivas e pelo ímpeto da ação objetiva em saber agir nos territórios naturalmente inóspitos à vida do homem como o ar e a guerra.

A estatura do homem é dada pela força do espírito de aventura e da ousadia, nos atos de se arriscar dentro da natureza e da vida cultural. É a capacidade de agir, de perceber e efetuar a escolha subjetiva que rompe com o imobilismo e a paralisia dos limites existentes do positivo, e assim, nega a existência e a continuidade das forças que esterilizaram o tecido da vida. O homem eleva a sua estatura mediante a vontade subjetiva e a ação racional que, ao mesmo tempo, permitem a existência da liberdade de movimento e de pensamento, o que faz com que o homem crie dinamismo em sua vida e na cultura.

No segundo vetor interno denominado *O homem sofre injustamente*, estão contidos os nomes de Eliot, Babel, Celan, Rigorni Stern. Não há uma efetiva apresentação de Eliot, a não ser de que se trata do “grande poeta inglês do século XX”. Contudo, Levi resume o sentido da obra *Morte na catedral*: a morte por assassinato que, como sendo a violência maior que o homem pode cometer contra a cultura, sobrevive dentro da própria cultura e sempre pode ser cometida. Contudo, a violência do assassinato é ampliada pela violência contra as mulheres de Canterbury, testemunhas do crime, mas mulheres de má fama. Logo, o romance expõe a espiral de violência que não tem fim e pode tocar a todos ao seu redor. Babel descreve a guerra russa-polonesa de 1920, na qual “a crueldade dos seus contos nos deixa mudos.” A descrição dos atos atrozos cometidos pelos soldados faz com que Levi se pergunte “até que ponto é lícito explorar literariamente a violência? (...) e prostituir-se em direção do canibalismo de certo público” (LEVI, 1981, p. 145). Celan é um dos autores que descreveram o desespero total do indivíduo como um dos principais sinais da profunda crise moral e política que se abateu na Europa no século XX. Rigorni Stern é um sobrevivente do campo de concentração e extermínio, e como Primo Levi tornou-se uma testemunha do que homem pode fazer com o próprio homem. Levi (1981, p. 215) destaca o fato de que

[se] Mario existe, há algo de miraculoso. Primeiro, porque há algo de milagroso na sua sobrevivência: este homem tão avesso à violência foi constringido pela sorte a estar em todas as guerras do seu tempo, e saiu incólume e não corrompido das frentes francesas, albanesas e russas, e do *Lager* nazista”.

A narrativa de Rigoni Stern expõe a impotente queda do indivíduo no inferno da era dos extremos e das guerras e das destruições dos valores e ideais que marcaram o século XX.

Em todos os vetores e nos nomes citados aparece a presença do ser humano que se opõe à força da violência, da injustiça e do poder. De certo modo, todos revivem o drama de Jó, do homem dilacerado e destruído pela injustiça e pela violência do ser mais forte ou da força social capaz de arrastar e destruir a vida do outro. Se o século XX foi o “o século mais assassino de que temos registro tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu (...) como também pelo volume único das catástrofes humanas que produziu” (HOBSBAWM, 1999, p. 22), a magnitude da violência e do horror é a maior característica dos fenômenos políticos ocorridos no início do século XX. Foi o que afirmou o historiador americano Arno Mayer em sua reflexão acerca do sentido do século XX, era caracterizada pela enormidade, excesso e sempre maior progresso técnico e científico, mas também do número sempre maior de crises econômicas e guerras, massacres e genocídios, da construção de campos de confinamento e extermínio:

Mesmo com o decorrer do tempo, a primeira metade do século XX se destaca por ter testemunhado um cataclismo sem precedentes e um divisor de águas fundamental na história da Europa. Não é provável que a crescente distância temporal e psicológica diminua ou faça parecer normal, de modo significativo, a enormidade do horror da Grande Guerra e do Ossuário de Verdun, a desmedida da Segunda Guerra Mundial e de Auschwitz (MAYER, 1987, p. 13).

A tentativa de compreensão das forças que causaram o extremo da violência e do horror significa, ao mesmo tempo, a luta pela responsabilidade perante a vida, um problema que se tornou ainda mais dramático após a criação política de Auschwitz, o campo de produção industrial e a baixo custo da morte de milhões de inocentes. É por isso que Hermann Langbein, autor de *Homens em Auschwitz*, foi escolhido como o penúltimo nome da antologia de Primo Levi, antecedendo a apresentação do capítulo final sobre os Buracos Negros. Há um forte nexos causal e de sentido na escolha deste autor, uma espécie de posição estratégica cuja finalidade era a representação narrativa da continuidade da injustiça e da violência no século XX, e da ação do homem que, mesmo sendo lançado no espaço de mais pleno horror e tragédia, buscou agir e se salvar pelo conhecimento e pela humanidade de seus atos. Para Primo Levi, a narrativa de Langbein é um modelo de busca incessante por conhecimento da construção política dos campos de concentração e extermínio, uma investigação que deveria ser destinada a uma sempre melhor realização:

O título do livro, *Homens em Auschwitz*, é denso de significado: o autor o escreveu com um escopo declarado que não foi o de acusar nem de comover, mas para ajudar a compreender. Conduziu a bom termo um esforço ensandecido; muitos anos depois da libertação, não se contentou em consultar os memoriais e de entrevistar os poucos sobreviventes que foram prisioneiros, mas procurou indagar os culpados daquilo, e se esforçou para compreender (e de nos fazer compreender) por quais vias o homem pode ser induzido a aceitar certos “deveres”. O resultado surpreende; não existem demônios, os assassinos de milhões de inocentes são pessoas como nós e têm a nossa face, somos semelhantes. Não têm sangue diverso do nosso, mas acabaram por se filiar, conscientes ou não, numa estrada arriscada, a estrada da obediência e do consenso, que é sem retorno (LEVI, 1981, p. 221).

Na densa investigação de Langbein, muitas perguntas permaneceram sem respostas. Contudo, a grandeza de um trabalho intelectual não está somente na construção das respostas positivas perante os desafios que se apresentam no seu tempo histórico. Muitas vezes, a grandeza está em saber expor profundamente a dimensão alcançada pelo conjunto das relações sociais, revelando as forças que cindiram os seres humanos em facções, grupos e classes, bem como os interesses ocultos que movimentavam o curso das ações e dos discursos. Langbein revelou o rosto comum do homem que fez o impensável com outro homem, do ser humano que, mesmo depois de quase trinta séculos de cultura, foi ainda capaz de efetuar a crueldade e a maldade sem hesitação, bem como obedecer ao poder mediante uma agradável servidão voluntária. Submissão cega e prazerosa ao poder e a renúncia à capacidade de compreender, julgar e escolher por si mesmo foram parte do mesmo indivíduo que habitou o campo de concentração e extermínio. *Homens em Auschwitz* é uma exposição acerca dos vários caminhos do homem na cultura, que nunca foram, e talvez nunca o serão, lineares e progressivos, voltados para uma contínua melhora do progresso moral e político. Demonstra Langbein que o progresso oriundo das conquistas de ordem técnica e científica pode compartilhar o mesmo espaço com o mais profundo retrocesso nas relações morais e políticas. Sua narrativa é uma espécie de sinal de alerta soado no interior da cultura moderna, e que não deveria deixar de ser ouvido pela consciência tranquila dos indivíduos em tempos de armistícios e de paz. Um sinal de alerta que pode a qualquer momento ressoar, pois conforme afirmou

o filósofo alemão Eric Weil, membro da mesma geração de Langbein e Levi, a opção do homem pela razão (pela ação sensata e não violenta), sempre pode ser modificada:

A razão é uma possibilidade do homem: possibilidade, isso designa o que o homem *pode*, e o homem pode certamente ser racional, ao menos querendo ser racional. Mas é apenas uma possibilidade, e não é uma necessidade, e é a possibilidade de um ser que possui ao menos outra possibilidade. Sabemos que esta outra possibilidade é a violência (WEIL, 1951, p. 57).

Primo Levi termina a sua antologia com o capítulo emblematicamente intitulado “Estamos sós”, no qual escreve acerca da descoberta dos astrofísicos da existência dos buracos negros no universo. O uso da expressão buraco negro nos dá a impressão da derrota final do ser humano para a matéria, bem como da sua incapacidade de retirar da matéria a força da violência, também presente no tecido das múltiplas formações sociais e políticas. Todavia, tal impressão é equivocada, pois buscou enfatizar o eterno desafio do ser humano em procurar novos caminhos e princípios para a vida social após as descobertas da física e da astrofísica da provável solidão do ser humano no universo:

Está em curso a maior das revoluções culturais: estão conduzindo-as em silêncio os astrofísicos (...) As expedições interplanetárias dos últimos dez anos têm permitido o aumento da compreensão do cosmos que supera, em muito, tudo aquilo que foi deduzido em todos os milhares de anos precedentes; temos visto, entre outras coisas, que lunares, venusianos e marcianos não existem e não existiram jamais. Estamos sós. Se tivermos interlocutores, eles estão tão afastados que, a menos que ocorra uma imprevisível mudança, com eles não falaremos jamais; todavia, enviamos alguns anos atrás uma patética mensagem. Todo ano que passa nos tornamos mais solitários; não somente o homem não é o centro do universo, mas o universo não é feito para o homem, é hostil, violento, estranho. No céu não existem Campos Elíseos, mas sim matéria e luz distorcida, comprimida, dilatada, rarefeita numa medida que supera os nossos sentidos e a nossa linguagem. Todo ano que passa, enquanto as coisas terrestres se complicam sempre mais, as coisas no céu tornam mais ásperas os seus embates: o céu não é simples, mas nem por isso

é impermeável à nossa mente, e espera ser decifrado. A miséria do homem tem outra face, que é de grande nobreza; talvez existamos por acaso, talvez sejamos a única ilha de inteligência no universo, certamente somos inconcebivelmente pequenos, débeis e sós, mas se a mente humana compreendeu os buracos negros, e ousou construir silogismos sobre o que teria acontecido nos primeiros momentos da criação, por que não deveria saber como mitigar o medo, a pobreza e a dor? (LEVI, 1981, p. 229).

Um amplo conjunto de reflexões e problemas encerra *La ricerca delle radici*. A “maior das revoluções culturais” implica a radical negação das crenças e valores, ideias e desejos, cujas raízes estão no início do solo no qual a cultura humana foi criada. A angústia da solidão é ainda mais potencializada pela dramática constatação de que no universo não há campos elíseos, mas sim buracos negros onde é sugada e apropriada toda a matéria contida em planetas, estrelas e astros que deixam de existir conforme existiram. De fato, a dramática compreensão do universo como espaço “hostil, violento e estranho”, repleto de monstros celestes, despovoado de deuses, apequena a condição humana. Todavia, para Levi, a compreensão teórica dos buracos negros e o incrível desenvolvimento da ciência e da técnica promovida pelas gerações sucessivas do “homem copernicano”, permitem que o ser humano se eleve e descubra a sua verdadeira nobreza: que não é de origem divina, mas natural e humana, própria daquele ser que se descobre e constrói a si mesmo por meio da observação atenta e da experiência continuamente renovada.

Logo, é através do paradoxo oriundo das imagens que constatavam a possível solidão humana no universo, que podemos construir uma melhor consciência da nossa responsabilidade perante a vida e a cultura. Da plena consciência da fragilidade humana pode surgir a escolha pela ação mais sensata e responsável, não mais violenta e brutal. A antologia buscou afirmar ao leitor que é pelo conhecimento que nos tornamos plenamente responsáveis pelas nossas ações e escolhas, de modo que não devemos delegá-las para nenhum ser mítico ou para nenhum tutor, bem como não podemos imputar a culpa dos erros e fracassos ao funcional bode expiatório.

Contudo, como explicar a violência natural? Como explicar a violência como núcleo do projeto político de um Estado? Como explicar a violência nazista praticada pelo homem comum? Como comunicar a violência do comportamento humano em situações extremas? Quais palavras poderiam

revelar a estrutura do poder, os processos políticos, ações e relações sociais que retiraram a humanidade do outro, transformando o homem no não-homem, o vivo no morto-vivo, e que também expuseram o poder do terror e da morte posta em marcha pela dinâmica política do totalitarismo? Como explicar a continuidade dos inúmeros Jós na modernidade? Podemos responder, parcialmente, às perguntas com uma reflexão de Livio Sichirollo acerca da violência dentro e fora do ser humano:

A violência é no homem a sua própria natureza, o mal radical de Kant: não é inata, mas é a raiz de nossa escolha, da nossa própria liberdade: nós somos os autores. A violência está no mundo, no mundo político construído pelo homem, a luta pelo domínio da natureza e pelo poder. No mundo contemporâneo é a experiência do nazismo (...) A violência está em nós e fora de nós, o grito das paixões e da natureza e o silêncio da razão (SICHIROLLO, 1997, p. 30).

Não somos destinados à violência, embora sempre seja possível que ela venha a se manifestar como potência em nossas ações e escolhas. No mesmo curso da análise de Sichirollo, Eric Weil (1959, p. 47) afirmou que “razão e violência não se separam para o homem senão após a opção pela razão”, e, mesmo aquele que fez a opção pela razão pode “dizer, proclamar que poderia ter escolhido diversamente e que, em qualquer momento, pode fazê-lo”.

Da injustiça sofrida por Jó ao campo de concentração de Auschwitz, este foi o arco no qual se estendeu toda a tensão contida nas escolhas dos autores e das passagens, bem como da própria narrativa de Primo Levi. Um longo arco temporal, repleto de conflitos e contradições, dentro do qual foi gerada tanto a vida cultural mais refinada, racional e eficaz, como o poder sempre mais avassalador e capaz de destruí-la. No final deste arco temporal, podemos bem entender o profundo conteúdo da equação proferida por Hegel (1986, p. 499) para identificar o sentido da era moderna, a saber: “Napoleão disse uma vez, diante de Goethe, que nas tragédias do nosso tempo a política substituiu o destino nas tragédias dos antigos”. Para o filósofo alemão, o ser humano inevitavelmente está sujeito à tragédia e à imediata exposição perante profundas dores e sofrimentos; contudo, ele pode sempre melhor compreender através da observação atenta dos efeitos o nexos que as vincula às suas causas, e assim, escolher e construir uma ação mais racional e sensata. Ao indivíduo moderno caberia a compreensão dramática de que a presença da tragédia na história é oriunda da própria ação humana, de modo que, o

elemento místico perdia toda a sua importância perante a força maior contida no poder de dominação das forças políticas modernas. Compreendê-las é o desafio maior presente nas ações do homem moderno.

A narrativa de Primo Levi expõe e interpreta os trágicos efeitos oriundos da derrota da razão e da emergência de uma força política que usou a racionalidade como instrumento de dominação plena e total, promovendo novas tragédias e catástrofes. Sua narrativa buscou revelá-la, e mesmo sabendo que “as verdades incômodas têm um caminho difícil” (LEVI, 1990, p. 97), a sua reflexão sobre Auschwitz procurou vencer as poderosas barreiras construídas da incredulidade e da incompreensão, do silêncio e da indiferença. Compreender e interpretar o campo de concentração de Auschwitz foi o que se impôs como tarefa imperativa desde a libertação, um frenético e profundo esforço intelectual que resultou em *É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1963), *A tabela periódica* (1975), *A procura das raízes* (1981), *Lilít* (1981), *Se não agora, quando?* (1982), *Os afogados e os sobreviventes* (1986), bem como nas centenas de depoimentos e entrevistas concedidos por um homem tímido e retraído – o que é algo muito significativo!

A vontade de testemunhar o horror dos campos de concentração e extermínio esteve presente em vários prisioneiros, dentre eles, Wiesel, Altelme, Langbein, Améry, Semprun, Bettelheim, Wiesenthal, Sereny. Retirados brutalmente da condição humana (dos valores subjetivos, da família, da comunidade, da profissão, dos direitos civis e políticos), expostos diariamente à política da desumanização e da degradação da vida e da morte, exauridos pela fome e pelo frio, reduzidos numa existência vazia preenchida somente pelo extenuante trabalho escravo, mesmo assim, uma das razões para continuarem a viver era a de vir-a-ser uma testemunha. No “Apêndice” da edição escolar de *É isto um homem?*, organizada pela editora Einaudi em 1976, Primo Levi (1989, p. 329) afirmou:

(...) Era tão forte em nós a necessidade de narrar, que havia começado a escrevê-lo lá, naquele laboratório alemão em meio ao gelo, à guerra e aos olhares indiscretos, ainda que soubesse que não poderia de modo algum conservar aquelas anotações, pois se fossem encontradas comigo me custaria a vida.

Qual seria o nome da força que o impelia a continuar vivo no interior da vida reduzida pela biopolítica à dimensão zoológica? Acreditamos que uma

possível resposta pode ser encontrada na sua concepção de mundo de recusar o irracional nas suas múltiplas formas, no esforço em manter a dignidade humana, no dever moral de denunciar as injustiças e as violências, enfim, no ímpeto de *querer* narrar a barbárie realizada na Europa do século XX. Ao ser questionado sobre as marcas que ficaram na sua vida durante e após a vivência em Auschwitz, Levi (1998, p. 75) afirmou: “recordo haver vivido meu ano em Auschwitz num estado de espírito excepcionalmente vivaz”, revelando ainda que “tinha um desejo intenso de entender (...) um ambiente monstruoso, mas novo, monstruosamente novo”. Podemos, assim, apontar para um dos principais aspectos da sua fisionomia intelectual: a capacidade de manter acessa a chama da razão através da abertura intelectual perante o desconhecido, a vontade de compreender as aventuras e desventuras vividas, a incessante procura pelo melhor sentido das palavras que pudessem descrever e comunicar o campo de concentração e extermínio. Viver significava então narrar para os seus contemporâneos e para as gerações futuras a história do *Lager*, aquilo que Norberto Bobbio afirmou ser “não *um dos eventos*, mas *o evento monstruoso*, que talvez não se repita, da história humana” (*apud* LEVI, 1990, p. 91, grifos do autor).

Compreender tal realidade, para fazer-se compreender, foi o que realizou Primo Levi, uma opção entre outras possíveis como o esquecimento e o silêncio. Nosso autor *desejou* viver dentro do labirinto de Auschwitz, examinando minuciosamente todas as lembranças que sua memória reteve do universo totalitário. Questionado sobre o sentido da recordação para um deportado e sobrevivente, argumentou que se tratava de uma escolha pessoal entre outras possíveis:

Conheço companheiros de deportação que conseguiram apagar tudo, procurando o quanto possível esquecer tudo. Alguns conseguiram suprimir, por assim dizer, essa recordação que os molestava; outros a suprimiram nas horas diurnas, mas sonham com ela pela noite; outros vivem dentro dela e eu escolhi este caminho (LEVI, 1998, p. 34).

É importante destacarmos que na reflexão de Levi não há um juízo normativo sobre o que deveriam fazer os sobreviventes após a libertação, nem mesmo uma cobrança acerca do posicionamento moral e político; mas, ao contrário, há plena consciência da pluralidade valorativa dentro da qual a

vida de cada um é desenvolvida. No caminho que escolheu para viver após Auschwitz, Primo Levi manifestou uma importante face da condição humana: a vontade de saber através da cognição da dor, da injustiça e da violência. Ao fazê-lo, manteve-se dentro da vontade manifestada pelo jovem estudante de química na Turim do final dos anos trinta, para quem, estudando a matéria, o homem pode “compreender o universo e a nós mesmos”. Em tal escolha, manteve a força de continuar a percorrer o caminho dentro das experiências nas múltiplas tensões presentes na vida humana: do riso e do choro, da serenidade e da loucura, da esperança e do desespero, da vitória e da derrota.

Em 1982, questionado acerca da sua condição de escritor-testemunha, afirmou que “sentia o ofício de escrever como um serviço público que deve funcionar” e que “o livro escrito deve ser um telefone que funcione” (LEVI, 1998, p. 38). Podemos dizer que o sentido de sua narrativa era comunicar ao leitor a existência de Auschwitz, possibilitando que as informações fossem transformadas em conhecimento e o conhecimento em consciência moral e civil. Foi o que procurou realizar em quarenta e dois anos de narrativa, desde *É isto um homem?* até *Os afogados e os sobreviventes* (último livro publicado por Levi, escrito em meio ao revisionismo histórico e às ideologias que negavam a existência das câmaras de gás e dos fornos crematórios), no qual afirmou que a história do *Lager* deveria ser sempre narrada, sobretudo para os mais jovens:

Devemos ser escutados: acima de nossas experiências individuais, fomos coletivamente testemunhas de um evento fundamental e inesperado, fundamental justamente porque inesperado, não previsto por ninguém. Aconteceu contra toda previsão; aconteceu na Europa; incrivelmente, aconteceu que todo um povo civilizado, recém-saído do intenso florescimento de Weimar, seguisse um histrião cuja figura, hoje, leva ao riso; no entanto, Adolf Hitler foi obedecido e incensado até a catástrofe. Aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer (LEVI, 1990, p. 124).

A permanente recordação do universo de terror absoluto do *Lager*, visando sempre melhor compreender a sua existência histórica e dinâmica social, e a esperança de que as novas gerações apreendessem com tal catástrofe, evitando sua repetição na história, formam uma espécie de hendíadis presente em sua narrativa caracterizada pelo “forte senso da substância moral e civil

de toda experiência” (CALVINO, 1981, p. 239). No estudo da narrativa de Primo Levi podemos compreender como são frágeis os pilares que sustentam a cultura e o quanto podemos regredir à violência como forma comum de relação humana. Questionado sobre o valor da memória, assim respondeu: “é certo que este é um tema pelo qual tenho grande interesse. Parece-me que a memória é um dom, mas também um dever, portanto, estamos obrigados a cultivar a própria memória, não podemos deixar que ela se perca” (LEVI, 1998, p. 147). Memória como dever e obrigação para com a humanidade, que se transformaria em Levi numa narrativa ética, memória do indivíduo, mas que também era uma memória histórica acerca da experiência política total contida no campo de concentração e extermínio. Memória que como recordação do horror absoluto tinha um duplo alvo: 1) que não esqueçamos o que o homem foi capaz de fazer e, 2) que Auschwitz não se repita. Levi fez de sua vida uma reflexão contínua sobre o *Lager*, procurando informar as jovens gerações para que tivessem conhecimento da história e assumissem uma consciência ética e política que impedisse a existência dos novos campos de concentração e extermínio.

“O buraco negro de Auschwitz” foi o título do artigo publicado por Primo Levi no periódico *La Stampa* em 22 de Janeiro de 1987, poucos meses antes da sua morte. Na segunda vez que nosso autor fez uso público da expressão “buraco negro” – a primeira vimos que aparece em *La ricerca delle radici* –, criticou enfaticamente tanto “a polêmica em curso na Alemanha entre aqueles que tendem a banalizar o extermínio nazista” (LEVI, 1997, p. 1), como a estratégia intelectual de efetuar a equivalência histórica entre o *Lager* e o Gulag. Para Primo Levi, ambos foram espaços de horror, construções políticas trágicas e catastróficas, mas enquanto nos Gulags a morte era “um subproduto, efetuado com cínica indiferença”, no *Lager* era o objetivo racionalmente traçado pela política do Estado racial nazista:

nenhuma das páginas de Solzenicyn, escritas com bem justificado furor, descreve nada de similar a Treblinka e a Chelmno, que não forneciam trabalho, não eram campos de concentração, mas “buracos negros” destinados a homens, mulheres e crianças culpados somente por serem judeus, e que desciam dos trens para entrar nas câmaras de gás, das quais ninguém saiu vivo (LEVI, 1987, p. 1).

Na polêmica de Levi para com o revisionismo histórico, a expressão “buraco negro” foi usada para apontar o fato de que um acontecimento histórico estava sendo negado, distorcido, consumido e, no limite, esquecido. No pequeno e contundente artigo, podemos observar a presença da mesma força que usou ainda no campo de Monowitz-Auschwitz em 1945 e formalizou em 1947, com a publicação de *É isto um homem?*: a força da razão que procura dotar de sentido a realidade, revelando-a. Um obstinado esforço cognitivo que foi destinado para que as futuras gerações não fossem *tragadas* pelos sempre possíveis buracos negros da política de força e dominação, exploração e extermínio do ser humano reduzido à condição de outro, instrumento, animal, meio, coisa. Uma tarefa presente em todos os seus livros, conforme podemos ler em *A tabela periódica*:

As coisas vistas e sofridas me queimavam por dentro; me sentia mais perto dos mortos que dos vivos, culpado de ser homem porque os homens edificaram Auschwitz, e Auschwitz engolira milhões de seres humanos assim como muitos amigos meus e uma mulher que levava no coração (LEVI, 1994, p. 151).

No curso do século XX, novas formas de violência criaram novos infernos oriundos da vontade de poder e das guerras pelo domínio dos bens econômicos e simbólicos. No “século dos campos” (BAUMAN, 1995, p. 192), o dilema apontado por Primo Levi continua sendo atual. Em maio de 2008, intelectuais italianos de diferentes formações teóricas e políticas firmaram um manifesto intitulado “Aquele atroz passado que pode retornar”, publicado no jornal *Liberazione* assinado, entre outros, por Danilo Zolo, Enzo Collotti, Alessandro Dal Lago, Angelo D’Orsi, Nicola Tranfaglia, Alberto Burgio e Anna Maria Rivera. Alertando para o profundo avanço do preconceito, da xenofobia e da violência racista na sociedade italiana, bem como apontando para o retorno de uma “difusão neo-étnica” cuja “ideologia racista (é) de clara matriz nazi-fascista”, os signatários terminaram o manifesto afirmando que “jamais, como nestes dias, temos clareza como Primo Levi teve razão ao temer a possibilidade de que tal atroz passado pudesse retornar” (BURGIO, *et al.*, 2008, p. 20). Para Alberto Burgio (2010, p. 7), o cenário cultural e político dos últimos trinta anos não apenas caracteriza o retorno dos espaços de detenção e aprisionamento, do nacionalismo populista e xenófobo, do messianismo político discriminatório e racista, mas também, revela que Primo Levi tinha razão quando afirmou em *Os afogados e os sobreviventes* que

“aquilo que aconteceu no tempo do nazismo poderia acontecer pelo próprio fato de haver ocorrido”.

Penso que no atual sombrio cenário político internacional – caracterizado pela presença explosiva da política de extrema concentração de renda, desigualdade salarial, desemprego estrutural, expansão das instituições carcerárias, violação dos direitos humanos fundamentais, racismo e xenofobia –, é de extrema importância a leitura dos livros de Primo Levi. Sua reflexão do universo concentracionário pode contribuir para a formação de uma sólida consciência da responsabilidade moral e política que devemos ter perante a fragilidade da vida, bem como pela idêntica responsabilidade acerca do retorno daquilo que aconteceu, e está acontecendo de novo na Europa nos campos de detenção, confinamento e expulsão de imigrantes ilegais, refugiados de guerra e da fome.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone (Homo sacer III)*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998.

BANFI, Antonio. *Galileu*. Lisboa: Edições 70, 1986.

CALVINO, Ítalo. “Le quattro strade di Primo Levi”. In Primo Levi, *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Life in fragments: essays in postmodern morality*. Oxford: Blakwell, 1995.

BURGIO, Alberto, et al. “Quell’atroce passato che può ritornare”, in *Liberazione*: Roma, 22/05/2008.

BURGIO, Alberto. *Nonostante Auschwitz. Il “ritorno” del razzismo in Europa*. Roma: Derive Approdi, 2010.

FREUD, Sigmund. “Uma dificuldade da psicanálise”. In *Obras completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Santiago Rueda Editor, 1954.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1999*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HÖLDERLIN, Friedrich. Poemas. In *Quintela*, P. (org.), 2ª edição, Coimbra: Atlântida, 1959.

LEC, Stanislaw Jerzy. *Pensieri spettinati*. Bologna: Tascabili Bompiani, 2001.

LEVI, Primo. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi, 1981.

LEVI, Primo. “Il Buco Nero di Auschwitz”. In **La Stampa**, anno 121, número 18, p. 1, 22/01/1987.

LEVI, Primo. *Se questo è un uomo. La tregua*. Torino: Einaudi, 1989.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEVI, Primo. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVI, Primo. *Entrevistas y conversaciones*. Barcelona: Ediciones Península, 1998.

MAYER, Arno Joseph. *A força da tradição. A persistência do antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SICHIROLLO. Livio. *Filosofia Storia Istituzioni. Saggi e conferenze*. Milano: Edizioni Angelo Guerini e Associati, 1990.

SICHIROLLO. Livio, *La dialettica degli antichi e dei moderni. Studi su Eric Weil*. Bologna: Il Mulino, 1997.

WEIL, Eric. *Logique de la philosophie*. Paris: Librairie Philosophique Jean Vrin, 1951.

WEIL, Eric. *Philosophie morale*. Paris: Librairie Philosophique Jean Vrin, 1959.

Resumo

A antologia *La ricerca della radice* escrita por Primo Levi permite ao leitor compreender as influências intelectuais recebidas ao longo de sua vida. O objetivo deste artigo é estabelecer relações analíticas entre os autores contidos na antologia pessoal de Primo Levi e a sua narrativa histórica sobre Auschwitz.

Palavras-chave: Primo Levi, Auschwitz, modernidade, campos de concentração, desumanização.

Abstract

The anthology *La ricerca della radice* written by Primo Levi allows the reader to understand the intellectual influences received throughout his life. The aim of this paper is to establish analytic relation between the authors contained in the personal anthology of Primo Levi and his historical narrative about Auschwitz.

Keywords: Primo Levi, Auschwitz, modernity, concentration camps, dehumanization.

Recebido para publicação em julho/2013.

Aceito em outubro/2013.